

A MORTE DA PSICOLOGIA: A INTERFERÊNCIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA SUBJETIVIDADE E NAS RELAÇÕES INTER- HUMANAS

THE DEATH OF PSYCHOLOGY: THE INTERFERENCE OF NEW TECHNOLOGIES IN SUBJECTIVITY AND INTER-HUMAN RELATIONSHIPS

Sandonaity Monteiro AMORIM JÚNIOR

Graduado em filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza
(FCF) e graduando em psicologia e teologia pela Faculdade
Católica do Rio Grande do Norte (FCRN)
E-mail: sandonaity@gmail.com

Joziane Kamily da Silva OLIVEIRA

Graduanda do curso de psicologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN) e em Gestão de
Recursos Humanos pela Faculdade Uninassau.
E-mail: jozianekamily21@gmail.com

Tereza Raquel Lucena de OLIVEIRA

Graduanda do curso de psicologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN).
E-mail: raquellucenaoficial@gmail.com

Karidja Kalliany Carlos de Freitas MOURA

Pós-doutorado em Desenvolvimento Sustentável.
E-mail: methodosscientifica@gmail.com

RESUMO:

Hans Jonas, Harari e Han abordam o impacto da tecnologia na vida humana. Enquanto Jonas carece de experiência em algoritmos e IAs, previu a rápida evolução técnico-científica. Ele também sabia que as novas tecnologias afetariam relações humanas e nas entrelinhas deixa sutilmente a ideia de que a psicologia enfrentaria alguns desafios. Por meio de uma revisão bibliográfica, serão analisados conceitos como sociedade da transparência e infoesfera, revelando a digitalização crescente. Consequentemente, a ênfase na informação digital compromete a subjetividade e a introspecção, como alertado por Harari. Além disso, com a coleta massiva de dados, algoritmos e IAs podem manipular e descrever indivíduos detalhadamente, exigindo uma revisão dos valores éticos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVES:

Inteligência Artificial; Psicologia; Intersubjetividade; Algoritmos; Desafios.

ABSTRACT:

Hans Jonas, Harari and Han address the impact of technology on human life. While Jonas lacks experience in algorithms and AIs, he predicted rapid technical-scientific evolution. He also knew that new technologies would affect human relationships and between the lines he subtly left the idea that psychology would face some challenges. Through a bibliographical review, concepts such as the transparency society and infosphere will be analyzed, revealing the increasing digitalization. Consequently, the emphasis on digital information compromises subjectivity

and introspection, as warned by Harari. Furthermore, with massive data collection, algorithms and AIs can manipulate and describe individuals in detail, requiring a review of contemporary ethical values.

KEYWORDS:

Artificial intelligence; Psychology; Intersubjectivity; Algorithms; Challenges.

1 INTRODUÇÃO

Faz pouco tempo que a psicologia começou a ganhar notoriedade dentro dos espaços acadêmicos. Ora, Wilhelm Wundt, que é reconhecido como pai da psicologia acadêmica, morreu em 1920, ou seja, faz pouco mais de 100 anos que este campo de estudo adentrou o rigoroso mundo científico. Apesar da sua jovem vida a psicologia já se desenvolveu bastante, isto é tão verdade que, atualmente, o mais correto é utilizar o termo: as psicologias (Bock, 2008). Outro fato interessante é que ao longo das décadas a psicologia teve que enfrentar diversos percalços, um destes grandes problemas enfrentados por esta área do conhecimento foi a falta de aplicabilidade prática de muitos dos seus estudos. Wundt, por exemplo, foi demasiadamente criticado por alguns acadêmicos pelo fato de que seus estudos não tinham aplicabilidade.

Ademais, este problema acerca da sua aplicabilidade foi apenas um dos desafios enfrentados pela psicologia na busca por sua subsistência. O fato mais interessante que deve ser notado aqui é que a própria busca por subsistir coage os vários campos da ciência, inclusive a psicologia, a se transformarem e se adaptarem perante as limitações e as necessidades do contexto histórico no qual estão inseridas. Nesta busca por se adaptarem e se desenvolverem as ciências, muitas vezes, buscam manter um constante diálogo com a técnica, que por sua vez também se desenvolve quando está aliada a ciência (JONAS, 2017). Está relação, quase que mutualista entre a ciência e a técnica é o grande propulsor do desenvolvimento das realidades acadêmicas e sociais. Deste modo, o fato mais importante a ser relatado neste momento é que, na contemporaneidade, qualquer ciência que queira se desenvolver e se manter viva deve dialogar com a técnica, inclusive a psicologia.

Nas últimas décadas vem se desenvolvendo diversas pesquisas revolucionárias, principalmente, nos campos da biotecnologia e da ciência da computação. A inteligência artificial (I.A.) é um dos frutos desses novos avanços tecnológicos, além da I. A. ainda se pode citar aqui outros produtos destes novos tempos, tal como: a manipulação genética. Neste sentido, a partir da análise deste cenário Harari (2016)

relata que o ser humano como se conhece pode deixar de existir para abrir espaço para o que este autor chama de *Homo Deus*, homens com características de deuses.

Outro fato que merece destaque, e que está atrelado ao desenvolvimento da I. A., é a crescente digitalização do mundo, ou em outras palavras, a imersão cada vez maior das pessoas no mundo digital. É, nesta perspectiva, que, segundo Harari (2016), a valorização da subjetividade e da introspecção está sendo deixada de lado na atualidade, pois o que se passa a ser valorizado é o que aparenta dar sentido é a constante alimentação do fluxo de informação do mundo digital. Sendo assim, neste reino onde o fluxo de informação é o detentor do poder do sentido, todas as pessoas são impelidas a entregarem para ele os dados da sua existência, como por exemplo: ideias e vivências. Com tantas informações sobre cada pessoa as análises algorítmicas e as inteligências artificiais são capazes de manipular e descrever qualquer ser humano de forma incrivelmente detalhada e precisa.

Neste sentido, a grande questão que deve ser levantada aqui é: como falar da psicologia no reino da informação (Han, 2022a) e do *Homo Deus* (Harari, 2016)? Em outras palavras, como falar do fazer, da teoria e da ética da psicologia perante tantos avanços tecnológicos que estão interferindo diretamente no modo como as pessoas se relacionam com os outros e consigo mesmas? Em suma, o intuito com estes questionamentos é mostrar que a psicologia, como se conhece, pode não está preparada para as mudanças que se seguem. De qualquer modo, é um fato que a psicologia desenvolvida nas últimas décadas aparenta estar em um estado de existência análogo a um paciente terminal. Isto não é necessariamente ruim, mas coloca esta ciência perante uma pergunta e exige dela uma escolha: se adaptar ou morrer?

Para a pesquisa, utilizou-se o seguinte método: revisão bibliográfica. É importante ainda delimitar logo que este é um estudo qualitativo, que se propõe a descrever e explorar as relações inter e intra-humanas atuais visando entender como elas estão sendo afetadas pelos avanços tecnológicos e como isso afeta direta ou indiretamente a psicologia. Para tanto buscaram-se artigos nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico e Scielo, considerando os últimos 5 anos (2019-2023). Os descritores utilizados foram: tecnologia da informação e comunicação, psicologia na pós-modernidade, dataísmo e inteligência artificial. Incluiu-se artigos analisados qualitativamente que mencionavam a psicologia na era digital e a sua adaptação a esse novo ambiente. Excluiu-se arquivos que não abordavam a psicologia no contexto das tecnologias da informação.

Além disso, a presente pesquisa se fundamenta também em alguns livros dos seguintes autores: Harari, Byung-Chu Han, Jonas e Floridi, destes autores foram utilizados principalmente os livros: No enxame: Perspectivas do digital (Han, 2018); Sociedade paliativa: A dor hoje (Han, 2021b); Infocracia: Digitalização e a Crise da democracia (Han, 2022a), Sociedade da Transparência (Han, 2017); Homo Deus: Uma breve história do amanhã (Harari, 2016); O princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética

para a civilização tecnológica (Jonas, 2006) e *The Cambridge Handbook of Information and Computer Ethics* (Floridi, 2010). Tais textos foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, pois apresentam de forma clara e sucinta a realidade da sociedade contemporânea e o modo como as relações humanas estão mudando por causa das novas tecnologias da informação. Vale destacar aqui que o se buscou trazer livros com as edições mais atualizadas possíveis e também, como é possível ver, almejou-se trazer algumas fundamentações literárias em inglês.

A pesquisa será realizada em duas etapas. Na primeira etapa, será feita uma contextualização histórica e sociológica da atualidade com a pretensão de entender como as relações inter-humanas e a subjetividade foram afetadas pelos avanços tecnológicos. Em um segundo momento se buscará compreender quais os impactos deste cenário para o mundo da psicologia. Vale destaque, desde já, que os efeitos da ação da técnica e da ciência nas relações inter-humanas e na subjetividade põem a psicologia em um ambiente hostil e desafiador, que a coage a se inovar. Além disso, não se pretende aqui ditar meios para que a psicologia enfrente tais dificuldades, o intuito principal é apenas demonstrar o quanto a atualidade trais consigo questões importantíssimas para o futuro da psicologia.

2 DA REFLEXÃO TEÓRICA AO FLUXO DE DADOS: IMPACTOS NA VIDA HUMANA

Pretende-se trabalhar aqui os principais conceitos que serão essenciais para entender como a sociedade atual está sendo impactada pelos avanços tecnológicos e como a subjetividade sofre com a coação por manter um fluxo sem fim de informação. Neste sentido, será apresentado os conceitos de: sociedade da transparência, sociedade da intimidade (Han, 2017), infofesra, re-ontologização e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (Floridi, 2010). Tais conceitos serão essenciais para compreender como as estruturas sociais estão se desestabilizado, mostrando assim o quanto é necessário rever os valores éticos atuais.

2.1 AS PROBLEMÁTICAS DO SÉCULO XXI

A humanidade tem sua história marcada por períodos, alguns são naturais e circulares, dependendo das estações, do clima e dos movimentos planetários. Alguns são sociais ou políticos e lineares, sendo determinados, por exemplo, pela sucessão dos jogos olímpicos, ou pela ascensão de um rei. Outros ainda são marcados por motivos religiosos e têm sua contagem em anos antes e depois de um evento específico, tal como o nascimento de Cristo. Segundo Floridi (2010 p. 3),

O que todas essas e muitas outras métricas (divisão) têm em comum é que são todas históricas, no sentido estrito de que todas dependem do desenvolvimento de sistemas para registrar eventos e, portanto, acumular e transmitir informações sobre o passado. Conclui-se que a história é, na verdade, sinônimo de era da informação, uma vez que a pré-história é a idade do desenvolvimento humano que antecede a disponibilidade de sistemas de registros.

Ou seja, a humanidade vive em uma sociedade da informação já a bastante tempo. Inclusive Harari (2016) relata que a condição de possibilidade para que o homo sapiens se destacasse sobre os demais seres vivos é justamente a sua capacidade de transmitir informação. Todavia, “apenas muito recentemente o progresso humano e o bem-estar começaram a depender principalmente do gerenciamento bem-sucedido e eficiente do ciclo de vida da informação” (Floride, 2010, p. 3, tradução nossa).

A sociedade da informação se expande na contemporaneidade e abarca todo o globo, entretanto ninguém pode se iludir e achar que isto aconteceu de repente, a verdade é que foram milênios de gestação relativamente silenciosa para poder gerar este novo mundo digital, que trouxe consigo novos desafios que à primeira vista parecem perturbadores e que eram imprevisíveis apenas algumas décadas atrás. Sobre isto Floride (2010, p. 4, tradução nossa) relata que:

as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) vêm mudando o mundo de maneira profunda, irreversível e problemática desde os anos cinquenta, em um ritmo de tirar o folego e com alcance inédito, tornando a criação, gestão e utilização da informação, comunicação e computação recursos questões vitais.

É bem verdade que as TICs estão transformando o mundo. Por exemplo, elas estão tornando a comunicação e a colaboração mais fáceis e eficientes. Elas também estão democratizando o acesso à informação e à educação. Entretanto, muitas pessoas se sentem sobre pressão neste cenário, tais sentimentos são justificáveis, pois não há como esconder alguns malefícios dessas novas tecnologias.

De qualquer forma, o desenvolvimento das TICs trouxe enormes benefícios e oportunidades, mas também ultrapassou em muito na nossa compreensão de sua natureza conceitual e implicações. A complexidade e as dimensões globais das TICs fazem com que seus benefícios e malefícios se entrelacem. Nas palavras de Han (2022b, p. 20):

No controlado algorítmicamente as pessoas perdem cada vez mais seu poder de ação, sua autonomia. Elas são confrontadas com um mundo que escapa a sua compreensão. Elas seguem decisões algorítmicas, mas não conseguem compreendê-las. Algoritmos se tornam caixas pretas. O mundo está perdido nas camadas profundas das redes neuronais às quais os humanos não tem acesso.

Outro grande problema que se entrelaça de alguma forma com este é fato de que os discursos éticos não conseguem acompanhar os avanços tecnológicos (Jonas, 2006). Sobre isto, uma analogia simples pode ajudar a entender a situação atual: comparando a sociedade globalizada atual com uma árvore se pode afirmar que as tecnologias seriam os ramos e as raízes o arcabouço ético, nesta perspectiva, é plausível afirmar que aqueles já possuem um longo alcance e se desenvolvem de forma muito mais ampla, rápida e caoticamente do que as raízes conceituais, éticas e culturais. A falta de equilíbrio é óbvia, e esta árvore corre grande perigo de cair (Floridi, 2010).

Continuando esse processo de comparação Floride (2010) se utiliza do termo “infosfera”, uma espécie de neologismo criado tendo por base o termo biosfera, uma palavra “que se refere a essa região limitada de nosso planeta que sustenta a vida. [Neste sentido, infosfera] denota todo o ambiente informacional constituído por todas as entidades informacionais [...], suas propriedades, interações, processos e relações mútuas” (Floride, 2010, p. 4, tradução nossa). A infosfera também abarca todos os espaços off-line e analógicos onde há a circulação de informação. Outro neologismo, criado por este mesmo autor, é a palavra “re-ontologização”, que designa as mudanças que ocorrem por causa dos avanços tecnológicos e que transformaram drasticamente a infosfera, ao ponto de que sua própria natureza/essência se modificou (Floride, 2010).

O mundo digital hoje em dia se entrelaça tanto com o mundo físico que não seria errado considerar a imersão do analógico no digital como uma forma de re-ontologização do mundo. Ademais, com estas mudanças a esfera dos conceitos e a própria natureza ganham novas perspectivas com o avanço das TICs, além disso, pode-se afirmar que até mesmo novas realidades são criadas, pois

o limiar entre aqui (analógico, baseado em carbono, offline) e ali (digital, baseado em silício, online) está rapidamente se tornando indistinto. O digital está transbordando para o analógico e se fundindo com ele. Este fenômeno recente é conhecido como computação ubíqua, inteligência ambiental, internet das coisas ou coisas aumentadas pela Web” (Floridi, 2010, p. 8).

Em suma, o fato é que o digital hoje está em todos os lugares, e ninguém pode negar que se precisa dele para muitas coisas, tais como: estudar, trabalhar, comunicar-se com outras pessoas e assim por diante.

Voltando a trabalhar os possíveis problemas que as novas TICs podem trazer é válido apresentar a fala de Floridi (2010, p. 8) quando este afirma que há um processo de desoficialização e tipificação dos indivíduos e isto acaba por começar “a corroer nosso senso de identidade pessoal também. Tornamos entidades anônimas produzidas em massa entre outras entidades anônimas, expostas a bilhões de outras informações semelhantes online”.

Em outras palavras, a busca por atender à exigência de um fluxo contante de informação para manter vivo o mundo digital acaba por se mostrar como um processo de esvaziamento da identidade, do que cada pessoa tem de único, ou seja, as pessoas então perdendo a autenticidade. Por causa disso, Han (2017) apresenta o termo “sociedade da transparência”, segundo ele o mundo digital coage as pessoas a perderem suas características distintivas para que seja potencializado o processamento de informações. Ora, é mais fácil e rápido processar informações iguais do que distintas.

Dito estas coisas, é válido reafirmar, caso não tenha ficado claro, que todos os seres, sejam eles naturais ou artificiais desfrutem, em certa medida, da infosfera, portanto, a melhor maneira de enfrentar os novos desafios éticos colocados pelas TICs deve partir de uma abordagem tendo em visto o todo, tal abordagem não pode privilegiar o natural, mas deve tratar como autênticas e genuínas todas as formas de existência e comportamento, mesmo aquelas acessadas por artefatos sintéticos. Esse tipo de ambientalismo holístico ou inclusivo exigirá uma mudança em como se percebe a própria realidade. Ademais, esta abordagem tem que ser capaz de rever a aliança entre o natural e o artificial. Acerca disto, Floride (2010, p. 19, tradução nossa) complementa que:

A tarefa é formular uma estrutura ética que possa tratar a infosfera como um novo ambiente que valha atenção moral e o cuidado das informações humanas que o habitam. Essa estrutura ética deve ser capaz de abordar e resolver os desafios sem precedentes que surgem no novo ambiente. Deve ser uma ética e-ambiental para a infosfera. [...] infelizmente, suspeito que levará algum tempo e todo um novo tipo de educação e sensibilidade para perceber que a infosfera é um espaço comum, que precisa ser preservado para o benefício de todos.

É bem verdade que as reflexões éticas são demoradas, pois as variáveis que precisam ser analisadas em cada situação, mesmo nos contextos aparentemente mais simples, são sempre muito numerosas. Entretanto, nos séculos passados os avanços científicos e as transformações sociais não eram ainda tão acelerados como são atualmente e a reflexão ética conseguia, em certa medida, acompanhar cada transformação social e intrahumana. Quando o homem resolveu abandonar o seu modo nômade de existir e passou a ter uma vida pautada na agricultura ele teve vários séculos para ponderar sobre essa mudança; quando as máquinas começaram a ganhar espaço na sociedade, o homem teve algumas décadas para analisar os impactos disso. Todavia, atualmente as mudanças provocadas pelas novas tecnologias ocorrem a cada segundo e é quase impossível levar a reflexão tudo o que ocorre.

2.2 O FLUXO DE INFORMAÇÃO E O CONTEXTO VITAL

Os avanços da ciência e das tecnologias da informação na contemporaneidade criaram um sistema de técnicas com um poder de articulação sem precedentes na história (Lima, 2013). A mídia digital, por exemplo, é uma forma de comunicação caracterizada pela presença simultânea do emissor e do receptor, pela ausência de intermediários. A informação é produzida, transmitida e recebida diretamente pelos participantes da comunicação, sem a intervenção de terceiros, pois está, quando existente, acaba por ser considerada como falta de transparência, ou seja, é ineficiente. Sobre esta temática, é válido trazer aqui as reflexões de Han (2018), que afirma que a sociedade contemporânea é marcada pela autoexposição do ser humano por transparência, que se camufla no discurso da liberdade da informação (Han, 2017).

É importante deixar claro desde o início o que realmente é a sociedade da transparência. Em poucas palavras transparente aqui designa a falta/eliminação de negatividade, é a falta de diferenças. Nas palavras de Han (2017, p. 10):

As coisas se tornam transparentes quando [...] se tornam *rasas* e *planas* quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As coisas se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle. [...] Portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal (*Hölle*) do igual.

Hoje, somos receptores e comunicadores ativos de informação, e não passivos. Estamos menos satisfeitos em consumir dados passivamente e mais interessados em criar e compartilhar informações. Somos distribuidores e consumidores ao mesmo tempo. A quantidade de notícias/informação aumenta significativamente. A mídia oferece mais do que apenas uma janela de visualização passiva; também fornece portais através dos quais podemos produzir informações nós mesmos (Han, 2018).

Esse novo papel ativo das pessoas como agentes propagadores de informações e a falta de intermediários entre receptor e comunicador possibilita a sociedade da transparência um fluxo de informação cada vez mais intenso, pois retira a distância entre o emissor e o receptor. Isto, por sua vez, “mata” a esfera privada, já que a tomada de distância é essencial para este espaço. Esta falta de distanciamento, expõe publicamente a intimidade e torna público o privado. Ainda sobre isto é importante salientar o seguinte: sem separação entre essas esferas, nenhum bom comportamento é possível. (Han, 2018).

Ademais, na era do digital, ilusoriamente imaginamos uma vasta liberdade de escolha em detrimento das diversas informações ao alcance. Nos deparamos constantemente com o regime de

informação neoliberal, onde a liberdade “sentida” garante o funcionamento do poder (Han, 2017). Habitamos em um mundo contemporâneo marcado pela complexidade e pela confusão. O processo de globalização tem produzido efeitos significativos na organização social, incluindo a rápida evolução das novas tecnologias. Essas tecnologias abrem possibilidades inimagináveis, mas seus efeitos são interpretados de forma diferente por diferentes pessoas e grupos sociais, muitos, por exemplo, acham que o avanço tecnológico trouxe mais prejuízos do que benefícios, outros ainda preferem acreditar que atualmente vivemos em uma sociedade muito mais tranquila devido os serviços oferecidos pelos avanços tecnológicos e pela constante otimização destes (Lima, 2013).

Entretanto, pouquíssimas pessoas percebem que as instituições, os valores, a política, as relações sociais e o mundo subjetivo de cada pessoa precisa ser reanalisado tendo em vista que tudo foi afetado pela técnica contemporânea (Jonas, 2006). A título de exemplo, não há mais como pensar na vida pública e política sem levar em consideração hoje as Inteligências Artificiais (I.As.). Ora, como pensar em liberdade para escolher seu candidato em um mundo onde uma I.A. é capaz de manipular ou condicionar a escolha política de um eleitor? Como falar de subjetividade e interioridade quando uma I.A. é capaz de descrever com precisão os gostos, as intenções, os sentimentos e as neuroses de cada pessoa? (Harari, 2016)

Acerca da relação entre política e novas tecnologias é interessante dizer que a digitalização da sociedade está transformando radicalmente nossa forma de perceber o mundo, de nos relacionar com ele e de conviver uns com os outros. O excesso de comunicação e informação, que pode ser comparado a um tsunami, está desencadeando forças destrutivas, levando a fraturas e disfunções massivas no processo político democrático. Em última análise, a democracia pode degenerar em uma infocracia, em que o poder é exercido por meio da manipulação da informação (Han, 2018), hoje o verdadeiro poder está nas mãos daqueles que são capazes de orquestrar o fluxo de informação. Acerca deste assunto é interessante colocar aqui a falade de Cosenza (2023, p. 132):

Hoje, empresas como o Google, Facebook, Apple ou Amazon sabem mais sobre nós, nossos processamentos afetivos e nossa conduta do que nós mesmos – e numa extensão que não poderíamos imaginar num passado recente. Além disso, existem entidades e pessoas com motivação política ou econômica que atuam ativamente para direcionar nossas decisões utilizando os meios instantâneos de comunicação, como a internet e seus grupos virtuais.

Sobre a diferença entre os sistemas infocrático e democrático se faz necessário dizer que a democracia é um processo lento, complexo e fundamentado em argumentos. A infocracia, por outro lado, é um processo rápido, simples e baseado em emoções. Ademais, não se pode esquecer que este império da informação se fundamenta na transparência ou uniformização, pois é isso que estabiliza e

acelera o sistema, para conseguir sustentar tal governo a sociedade da informação apresenta um poder totalitário quando coage todas as pessoas a eximirem as diferenças e serem transparentes, em outras palavras, a infocracia tem como condição de possibilidade de sua existência a transformação de todas as pessoas em máquinas, pois só as máquinas são totalmente quantificáveis, analisáveis, operacionais e sem ambivalências (Han, 2017).

Essa diferença de lógica e temporalidade dificulta a participação democrática, pois as informações falsas se propagam mais rapidamente ou tão mais rápido quanto as informações verdadeiras (Han, 2018), pior do que isso é que, muitas vezes, a intensidade do fluxo de informação e a manipulação informacional por parte de algumas instituições fazem com que verdades e mentiras se entrelacem ao ponto de uma se camuflar na outra e gerar as famosas *Fake News* (D'ia-Logos na Web, 2021). Neste sentido, a democracia como se conhece

está em perigo onde quer que cidadãos interajam com robôs de opinião, se deixando manipular por eles, onde quer que operadores, cuja procedência e motivos são completamente ocultos, interfiram e se intrometam nos debates políticos (Han, 2018, p. 46).

Deixando um pouco de lado a espera política e seus problemas é interessante agora se voltar para uma breve análise das implicações tecnológicas no mundo subjetivo, na esfera privada. Sobre isto se faz plausível trazer aqui a ideia de sociedade da intimidade de Han (2017, p. 80), segundo este autor:

Hoje, o mundo não é um teatro no qual são representadas e lidas ações e sentimentos, mas um mercado onde se expõem, vendem e se consomem intimidades. O teatro é um lugar de representação, enquanto que o mercado é um lugar de exposição. Assim, atualmente a representação teatral dá lugar a exposição pornográfica.

Dizer que a sociedade se tornou pornográfica é dizer que as coisas perderam profundidade, que as relações inter-humanas (eu-tu) e intra-humanas (eu-eu) se tornaram vazias. Todas as vivências particulares são expostas, emoções e sentimentos são denudados e postos sob holofotes. O mais interessante aqui é o fato de que a busca por transparência gera um vazio existencial que a sociedade tenta preencher com a informação, em outras palavras, a sociedade está presa nas consequências de seus atos, pois os problemas causados pelos efeitos de suas ações só pioram quando ela tenta resolvê-los.

Deve-se novamente deixar claro que nos pontos seguintes não se pretende oferecer respostas para todas as possíveis perguntas que possam ter surgido ou que surgirão, mas se tem a ânsia de fomentar uma discussão que promova e colabore para uma melhor apreensão do cenário atual. Além disso, pretende-se aqui apresentar os novos desafios que as diversas áreas do saber irão e, em alguma medida,

já estão enfrentando. De forma particular será apresentado uma breve análise dos novos desafios que a psicologia enfrenta e enfrentará no futuro.

2.3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOLÓGICA DA ATUALIDADE: COMO ESTÃO E COMO PODEM VIR A ESTAR AS RELAÇÕES INTRA E INTER-HUMANAS NO FUTURO?

No contexto global cada vez mais complexo e confuso, as organizações vêm sofrendo mudanças ao longo da história. Um dos principais marcos dessa evolução foi o surgimento das novas tecnologias, como a internet, que abriram possibilidades inimagináveis a algumas décadas atrás. Esses avanços tecnológicos têm significados e direcionamentos diferentes para cada grupo social nos dias atuais. De qualquer modo, é fato que na atualidade, com os avanços tecnológicos na área das tecnologias da informação, houve um desenvolvimento na comunicação, que acabou por modificar imensamente o modo como as pessoas se relacionam (Lima, 2013).

O advento das novas tecnologias da comunicação sempre esteve diretamente ligado a uma expressão de controle e dominação sobre um grupo (Antunes, 2017). Na era digital, imaginava-se, enganosamente, uma liberdade irrestrita de escolha em detrimento do vasto alcance de informações. No entanto, as pessoas se deparam frequentemente com alguma forma de restrição, onde essa "liberdade" se apresenta como efêmera. Para uma melhor apreensão deste cenário vale trazer aqui as palavras de Han (2022a, p. 13):

A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente. O telefone móvel como aparato de vigilância e submissão explora a liberdade e a comunicação. Nos regimes de informação, as pessoas não se sentem, além disso, vigiadas, mas livres. Paradoxalmente, é o sentimento de liberdade que assegura a dominação. [...] A dominação se faz no momento em que liberdade e vigilância coincidem.

Neste sentido, as palavras deste autor encontram ressonância nos escritos de Zuboff (2021), que afirma que a economia e a política são remodeladas por causa das TICs. Segundo esta autora, as novas tecnologias possibilitaram um enorme acúmulo de informação que na contemporaneidade são negociados sem o consentimento de ninguém. Sendo assim o grande império que domina nos dias de hoje não é tão vaidoso quanto as diversas formas de governo de antigamente. Na democracia, por exemplo, sabe-se quem estava governando e quais eram seus principais interesses, nos regimes totalitários, como o nazismo, sabia-se quem era o rosto que estava à frente do governo. Entretanto, a

nova arquitetura digital apresenta uma dominação velada com um único interesse norteador: lucratividade.

Voltando ao debate sobre a influência das novas TICs nas relações inter e intra-humanas é interessante relatar que o desenvolvimento humano acompanha o desenvolvimento técnico e científico dos indivíduos em seu interior (Antunes, 2017). A digitalização da sociedade está mudando drasticamente a forma como os indivíduos percebem o mundo, estabelecem relações com ele e convivem socialmente. Surgiu-se com essa abundância de informação a rejeição e perda de crenças e verdades antes estabelecidas no interior dessas sociedades, passando-se a questionar o que antes era fato absoluto e inabalável (Han, 2017).

Atualmente, o que se constata é que há uma busca por escapar da realidade física, talvez o que mais incentiva essa fuga seja o fato de haver uma enorme facilidade de adentrar no mundo digital. Essa vastidão de ambientes virtuais pode afetar a subjetividade, a forma como as pessoas se relaciona em sociedade e até mesmo fazem com que o conceito de valor seja reanalisando, pois, muitos objetos físicos perdem seu valor no ambiente digital, além disso, muitas pessoas adentram no ambiente digital não apenas como uma fuga do mundo físico, mas também como uma forma de autenticar sua existência. Neste sentido, torna-se interessante apresentar aqui uma fala do Padre Fabio de Melo (2017) dita antes dele cantar a música *Paciência*:

Vocês já perceberam que hoje nós somos vítimas da pressa? [...] É que nós desaprendemos a esperar as coisas terminarem. A gente tem uma ânsia de contar o que está acontecendo que é impressionante. Nós temos a necessidade de comunicar em tempo real tudo aquilo que nos ocorre. Eu, particularmente, fico pensando que a nossa pressa é de avisar que nós estamos vivendo. Nós temos medo de que o que estamos vivendo no momento não nos baste, então a gente precisa dividir em mil vezes, para ver se a gente acredita que nós estamos vivendo, e o que é interessante é que enquanto nós estamos avisando que nós estamos vivendo a gente não vive. A pessoa vai fotografar uma paisagem que ela achou bonita aí ela fotografa aí daqui a pouco ela ver que chegou uma mensagem para ela, já nem lembra mais da paisagem. E nós estamos exigindo o tempo todo essa pressa dos outros também. Eu envio uma mensagem pelo celular, confirma que recebeu, e um minuto depois, se a pessoa não me responde, eu já trabalho com a possibilidade de um infarto fulminante dela. [...] Nós somos vítimas da pressa e estamos desaprendendo grandes virtudes, saborear a vida, por exemplo.

Torna-se interessante dialogar com está fala do padre, pois faz com que se constate que muitas das neuroses contemporâneas só germinaram porque encontraram um solo fértil neste mundo digital. Ora, não seria a ansiedade (tão presente nos dias de hoje) também um fruto dessa exigência por alimentar e acompanhar esse fluxo de informação perene? O cérebro humano não consegue processar tanta informação ao mesmo tempo, por não conseguir acompanhar o processamento de informações do mundo digital as pessoas podem estar ficando neuróticas. Isto ocorre também porque

O cérebro humano não se modificou de forma significativa desde o aparecimento dos primeiros seres humanos. Ele foi formado no processo evolutivo, para garantir a sobrevivência no ambiente relativamente simples em que viveu a imensa maioria das gerações de nossos antepassados. (Cosenza, 2023, p. 132)

Ademais, a ansiedade não é o único problema causado por esse novo rearranjo social. Torna-se cada vez mais comum encontrar novos casos de depressão e burnout, principalmente porque o sujeito atual não sabe mais parar, ele é sempre impelido a se apresentar como o sujeito do desempenho, como alguém que não sabe mais concluir ou fechar ciclos em sua vida. Até mesmo o descanso se apresenta para tal sujeito como um tempo do desempenho, um momento de recuperação de energias para voltar ao trabalho (Han, 2021a). Neste sentido, o sujeito do desempenho se apresenta muitas vezes como um novo Prometeu, que vive um ciclo infinito de sucção de suas forças vitais.

No futuro, percebe-se um agravamento do distanciamento entre os indivíduos dentro do coletivo, cuja intensificação é resultado da comodidade proporcionada pela comunicação digital. Progressivamente, evita-se o contato direto e real com as pessoas. Essa forma de comunicação, torna-se cada vez mais desprovida de forma e corpo. Uma analogia rápida feita por Han (2018, p. 49) para exemplificar tal cenário pode ajudar a entender melhor o quanto as relações com os outros estão se degenerando:

Passar o dedo pelo *touchscreen* é um movimento que tem uma consequência na relação ao outro. Ele elimina aquela distância que constitui o outro em sua alteridade. Pode-se passar o dedo na imagem, toca-la diretamente, porque ela já perdeu o olhar, o rosto. Com o *pinçar* [a imagem], eu disponho do outro. Descartamos o outro com o passar do dedo, [...].

Nesse cenário emergente, as interações virtuais delineiam uma nova dinâmica social, onde as conexões humanas são filtradas por interfaces digitais, contribuindo para um afastamento que transcende o espaço físico. O equilíbrio entre a conveniência tecnológica e a necessidade fundamental de interação pessoal torna-se um ponto crucial nas discussões sobre o futuro das relações humanas (Han, 2018).

2.4 A HOSTILIDADE PARA COM A PSICOLOGIA

Como falar de psicologia em um mundo onde a subjetividade é subjugada e o valor está na informação externada? Como falar de psicologia em um mundo onde a remodelação genética criará deuses, seres humanos completamente novos, com uma estrutura cerebral completamente diferente da dos seres humanos típicos? E, por fim, como falar de psicologia onde Inteligências Artificiais conseguem

fazer apreciações muito detalhadas sobre cada ser humano individualmente, dizendo quais são seus gostos, suas ambições, suas neuroses, suas aptidões e assim por diante.² Tentar responder estas e outras inúmeras perguntas que surgem devido aos avanços tecnológicos da contemporaneidade é um desafio para a psicologia, para filosofia, para a antropologia e outras inúmeras outras áreas do saber.

Os algoritmos mostraram que o ser humano não possui tanta liberdade o quanto parece. As pessoas são facilmente manipuladas pelas inteligências artificiais, por isso a seguinte pergunta também ganha plausibilidade na contemporaneidade: Será que o ser humano consegue tomar decisões realmente racional (Cosenza, 2023)? A verdade é que o título de animal racional dado ao *homo sapiens* desde os primeiros sistematizadores do conhecimento, como Aristóteles (1987) talvez já não se encaixe mais na atualidade. Sendo assim faz sentido trazer aqui as palavras de Cosenza (2023, p. 1):

[...] hoje sabemos que a nossa capacidade de raciocínio é limitada. Embora sejamos capazes de examinar múltiplas alternativas e chegar a conclusões importantes para o nosso cotidiano, esse processo é deficiente e contaminado por muitas limitações, decorrentes, em última análise, do modo como funciona nosso cérebro. O avanço do conhecimento nas neurociências, nas ciências cognitivas e mesmo nas ciências econômicas tem tornado isso evidente. Por sua vez, o mundo tecnológico em que vivemos tem desafiado o funcionamento do cérebro humano, deixando cada vez mais visíveis suas falhas e limitações.

Outro autor que trabalha essa temática é Harari (2016) que afirma que ao longo de milênios o ser humano se destacou entre os animais, principalmente, por sua capacidade de se comunicar e de reter informações de impressionante. Entretanto, ao que parece, o cérebro do *homo sapiens* não se desenvolveu quase nada em praticamente 10 mil anos de história, em contrapartida as tecnologias se desenvolveram de forma exponencial. É verídico o fato de que o avanço tecnológico possibilitou um maior tempo de vida para muitos indivíduos, também trouxe consigo a possibilidade de acelerar a produção de alimentos e combater a fome, mas ainda assim a seguinte pergunta ainda continua sendo válida: O homem se tornou um ser mais feliz com os avanços tecnológicos? Em outras palavras, a pergunta sobre o sentido da vida humana encontra uma resposta na contemporaneidade?

Falar sobre sentido da vida e sobre a felicidade é também falar sobre a dor e o sofrimento, pois estas são realidade inerentes à existência humana. Entretanto, em uma sociedade onde o fluxo de informação se apresenta como uma animal insaciável a dor e o sofrimento não ter lugar.

Vivemos em uma sociedade da positividade, que busca se desonerar de toda forma de negatividade. A dor é a negatividade pura e simplesmente. Também a psicologia segue essa mudança de paradigma e passa, da psicologia negativa como “psicologia do sofrimento”, para a “psicologia positiva”, que se ocupa com o bem-estar, a felicidade e o otimismo. Pensamentos negativos devem ser evitados. Eles devem ser substituídos imediatamente por pensamentos

positivos. A psicologia positiva submete a própria dor a uma lógica do desempenho (Han, 2021b, p. 11)

Sendo assim, se justifica o por que atualmente cresce tanto o consumo de medicamento que antigamente era usado apenas como paliativos para pessoas doentes. Tudo isso em busca de um desempenho sem fim. Neste sentido, um outro problema encontrado na sociedade contemporânea é a falta de fechamento de ciclo, como afirma Han (2021a). Ora, sendo impelidas a alimentar incansavelmente um fluxo de informação sem sentido as pessoas não conseguem mais descansar, ou adentrar na realidade do ócio. O lazer se tornou quase um crime. Han (2021a, p. 30) alerta que:

O Sujeito do desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. [...] E, em mundo no qual a conclusão e o encerramento dão lugar a um avanço sem fim e sem direção, não é possível morrer, pois também morrer pressupõem a capacidade de encerrar a vida. quem não consegue morrer no tempo certo tem de a-cabar [...] em uma hora inoportuna [...].

Talvez aqui esteja justificado o porquê a ciência contemporânea idealiza também desenvolver o homo deus (Harari, 2016), um ser tão alterado geneticamente, que seja capaz de viver e de produzir mais do que os seus antecessores. De qualquer forma, o que deve ser evidenciado aqui é que quando se tenta negar a dor e o sofrimento em busca de desempenho se estará criando um campo fértil para a germinação de mais dores e mais sofrimento. Frankl (2019), já alertava sobre isso quando falava sobre a neurose dominical, uma espécie de ansiedade que aparece, geralmente, aos domingos, quando não se tem muitas coisas para fazer, ou seja, está é um problema psicológico que nasce justamente porque as pessoas estão perdendo a capacidade de parar e descansar.

Todo este cenário se mostra, em muitas partes, como estranho para a psicologia tradicional, por isso urge a necessidade do desenvolvimento de todo um campo de estudos que consiga abarcar tais temáticas. Contudo, a psicologia enquanto ciência também teórica deve se preocupar com uma outra coisa: o fim de toda teoria.

Há algum tempo, Chris Anderson, redator-chefe da *Wired*, publicou, sob o título de “The End of Theory” [“O fim da teoria”], um artigo bastante digno de nota. Ele afirma que a quantidade inimaginavelmente grande de informações tornaria modelos teóricos completamente superficiais. [...] A análise do Big Data dá a conhecer modelos de comportamento que também tornam prognósticos possíveis. No lugar de modelos teóricos hipotéticos, entra uma comparação direta de dados. A correlação substitui a causalidade, a questão do *por que é assim* [Wieso] se torna supérflua em vista do que *é assim que é* [Es-ist-so] (Han, 2018, p. 131-132)

No mundo onde a transparência e a velocidade do fluxo de dados é a prioridade não há mais lugar para a reflexão relativamente lenta e pausada dos sistemas teóricos. Tanto a filosofia quanto a

psicologia são colocadas de lado para que seja priorizada apenas as análises algorítmicas. Em suma, o homem é dissecado e transformado em dados que possam ser medidos, comparados e rastreados de forma cada vez mais precisa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças tecnológicas e os avanços científicos são incrivelmente rápidos, fica realmente difícil para que as ponderações filosóficas conseguissem acompanhar tais evoluções, sem uma boa base filosófica muitas ciências, de forma particular, a psicologia, sentem real dificuldade em se adaptar às necessidades que o mundo tecnológico traz consigo (Jonas, 2017). Tendo isto em vista, muito mais do que se adaptar ao mundo científico as ciências humanas devem ter um olhar crítico para com o avanço desmedido de algumas tecnologias. É bem verdade que atualmente, graças a algumas técnicas muitas pessoas estão conseguindo viver mais, há sem dúvida uma melhora na qualidade de vida das pessoas quando se compara com o estilo de vida de alguns pessoas a alguns séculos atrás (Harari, 2016). Para o mundo acadêmico a técnica contemporânea é uma riqueza inigualável. Artigos científicos, por exemplo, publicados em uma cidadezinha no interior do Brasil pode ser lido por qualquer pessoa do mundo segundo após sua publicação.

A psicologia sempre foi muito hábil em se posicionar, se adaptar e se desenvolver perante muitos *Sitz im Leben* (termo exegético alemão que se refere ao contexto vital de uma determinada sociedade delimitada no tempo e no espaço), entretanto, parece que as atuais mudanças sociais calçadas pelas novas TICs, pela engenharia genética, pelas inteligências artificiais e inúmeros outras técnicas que encontraram a luz do dia no século XXI, estão colocando a psicologia tradicional em risco. Não se acredita piamente aqui que a psicologia realmente deixará de existir, mas que a psicologia como se conhece necessariamente precisará de um *aggiornamento* (termo italiano que pode ser traduzido como renovação), pois seus conceitos basilares já não conseguem abarcar a complexidade do mundo tecnológico atual. As relações inter-humanas (eu-tu) já não são as mesmas do século passado, as mudanças estão ocorrendo de forma tão rápida que é possível dizer que a vida social atual já não é a mesma do ano passada.

Se está é uma verdade para as relações inter-humanas imagina para o mundo da subjetividade de cada pessoa. A psicologia sempre soube que cada pessoa era um microcosmo (Aristóteles, 1987), era um mundo único e irrepitível, todavia o fato que talvez ela não estivesse preparada para constatar é que este microcosmo está se esvaziando e cada pessoa está sendo impelida a se torna transparente (Han, 2017). Se isto já é preocupante, então pode ser completamente inimaginável o fato de que graças a engenharia genética o mundo pode estar prestes a ver seres humanos comparáveis aos deuses gregos, com uma

mente completamente desconhecida, com estruturas cognitivas nunca antes observadas (Harari, 2016). Estes são apenas alguns dos desafios que a psicologia se depara nos dias que se seguem, para superar tais problemas ela talvez tenha que se unir a seus causadores.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Deborah Christina. Reflexões sobre mundo digital e subjetividade. **Impulso**, Fortaleza, v. 27, n. 69, p. 13-24, maio, 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/3374>>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BOCK, Ana M. Bahia et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. Ed. 14. São Paulo: Saraiva, 2008, 368 p.

CASTRO, Lucas Dantas P. de. Iluminismo tecnológico. 2019. 18 f. **TCC (Graduação)** – Curso de Comunicação Social, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/16464>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

COSENZA, Ramon M. **Por que não somos racionais: um cérebro antiquado num extraordinário mundo novo**. 2º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2023, 155 p.

D'IA-LOGOS NA WEB. Debate #002: Pós-verdade, fake news e outras drogas - vivendo em tempos de informação tóxica. Entrevistados: Rafael Douglas Sousa de Andrade e Prof. Dra. Francisca Galiléia Pereira da Silva. Entrevistador: Samantha Mourão. [S. I.]: **Audacity**, 30 de junho de 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.audacity.com/podcast/dia-logos-na-web-8dd7f/episodes/debate-002-p%C3%B3s-verdade-fake-news-e-outras-drogas-vivendo-em-tempos-de-informa%C3%A7%C3%A3o-t%C3%B3xica-d9a56?action=AUTOPLAY_FULL&actionContentId=201-882e38e1-982b-4940-84f0-92d3700b8a62>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

FLORIDI, L.. Ética após a Revolução da Informação. In: FLORIDI, L.. **The Cambridge Handbook of Information and Computer Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 3-19.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 45º Ed. Sinodal: São Leopoldo; Vozes: Petrópolis, 2019, 184 p.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Trad.: MACHADO, Lucas. Petrópolis: Vozes, 2021a, 57 p.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. Trad: PHILIPSON, Gabriel S.. Petrópolis: Vozes, 2022a, 107 p.

HAN, Byung-Chul. **Não-cosias: reviravoltas do mundo da vida**. Trad.: GARCIA, Rafael Rodrigues. Petrópolis: Vozes, 2022b, 171 p.

HAN, Byung-Chul. **No exame**: Perspectivas do digital. Trad.: MACHADO, Lucas. Petrópolis: Vozes, 2018, 134 p.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Trad.: GIACHINI, Enio P.. Petrópolis: Vozes, 2017, 116 p.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: A dor hoje. Trad.: MACHADO, Lucas. Petrópolis: Vozes, 2021b, 115 p.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: Uma breve história do amanhã. Trad.: GEIGER, Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, 448 p.

JONAS, Hans. **Ensaio Filosófico**: Da Crença Antiga ao Homem Tecnológico. Trad.: LOPES, Wendell E. S.. São Paulo: Editora Paulus, 2017, 533p.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Trad.: LISBOA, Marijane; MONTEZ, Luiz B.. Rio de Janeiro: Editoria Puc-Rio, 2006, 353 p.

LIMA, A. B. Tecnologias de informação, cotidianos e psicologia social: considerações teórico-metodológicas. **Psicologia & sociedade**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 10–18, mai, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/d8wg55SMjcSRjvtDcPPvPBR>>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

MELO, Padre Fabio de. (Padre Fabio de Melo). Padre Fabio de Melo – Paciência (Ao Vivo). **YouTube**, 7 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YBocHZiR3hk>>. Acesso em: 26 de novembro de 2023.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Trad.: SCHLESINGER, George. Intrínseca: Rio de Janeiro, 2021, 800 p.



AMORIM JÚNIOR, Sandonaity Monteiro; OLIVEIRA, Joziane Kamily da Silva; OLIVEIRA, Tereza Raquel Lucena de; MOURA, Karidja Kalliany Carlos de Freitas. A MORTE DA PSICOLOGIA: A INTERFERÊNCIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA SUBJETIVIDADE E NAS RELAÇÕES INTER-HUMANAS. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.1, 2024, eK24016, p. 01-18.

Recebido: 02/2024

Aprovado: 03/2024